ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11especial.2175.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

ARTIGO / ARTICLE

# FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA NO CONTEXTO DE FINITUDE: DA NEGAÇÃO AOS CUIDADOS PALIATIVOS HUMANIZADOS

## THE CONTEMPORARY FAMILY IN THE CONTEXT OF FINITUDE: FROM DENIAL TO HUMANIZED PALLIATIVE CARE

**Celia Carla Lima Silva**[1]

[1] Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Professora e Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Salvador. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Email: celia.silva@ucsal.edu.br Orcid ID https://orcid.org/0009-0007-0903-1961.

**Recebido:** 03/05/2026 - **Revisado:** 11/05/2026 - **Aceito:** 01/07/2026 - **Publicado:** 30/09/2026

**RESUMO:** O artigo analisa a percepção da finitude na sociedade contemporânea, marcada pela negação da morte em favor de uma cultura de produtividade. Investiga-se o deslocamento histórico do óbito do ambiente doméstico para o hospitalar e seus impactos na dinâmica familiar. Por meio de uma revisão narrativa, destaca-se a sobrecarga dos cuidadores diante da longevidade e de doenças crônicas. Conclui-se que os Cuidados Paliativos são uma resposta humanizada indispensável, pois oferecem suporte multidisciplinar para preservar a dignidade e a autonomia do indivíduo em seu processo de finitude.

**Palavras-chave**: *Contemporaneidade. Morte e morrer. Assistência paliativa.*

**ABSTRACT**: This article analyzes the perception of finitude in contemporary society, marked by the denial of death in favor of a culture of productivity. It investigates the historical shift of death from the domestic to the hospital environment and its impacts on family dynamics. Through a narrative review, it highlights the burden on caregivers in the face of longevity and chronic illnesses. It concludes that Palliative Care is an indispensable humanized response, as it offers multidisciplinary support to preserve the dignity and autonomy of the individual in their finitude process.

**Keywords**: *Contemporaneity. Death and Dying. Palliative Care*.

## INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é atravessada por uma contradição latente: enquanto os avanços técnico-científicos permitem um prolongamento inédito da vida, a cultura de consumo e a valorização do desempenho produtivo marginalizam a reflexão sobre o seu término. Nesse cenário, a finitude deixa de ser compreendida como um processo natural e passa a ser encarada como um tabu, gerando o que se pode chamar de "afastamento ilusório" da própria realidade biológica. Esse fenômeno não afeta apenas o indivíduo, mas redefine

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

as dinâmicas familiares, que se veem diante de desafios éticos, emocionais e estruturais ao lidar com o adoecimento crônico e a terminalidade em um sistema que prioriza a cura em detrimento do cuidado.

Historicamente, a transição da morte doméstica para a institucionalização hospitalar alterou a percepção social sobre o morrer, transferindo para a equipe médica uma responsabilidade que antes pertencia ao núcleo familiar e comunitário. Diante dessa realidade, surge a necessidade de estratégias que resgatem a dignidade no processo de finitude. O presente artigo propõe-se a analisar o posicionamento da sociedade atual frente à morte, discutindo como a negação da finitude impacta a vivência familiar e a importância dos Cuidados Paliativos como uma resposta humanizada. Ao integrar suporte multidisciplinar e acolhimento espiritual, tal abordagem busca reafirmar a vida e oferecer um sistema de amparo capaz de ressignificar a jornada final do ser humano.

## DESENVOLVIMENTO

A sociedade contemporânea, marcada pela busca exacerbada pelo prolongamento da juventude e valorização do desempenho e consumo, manifesta uma aversão à reflexão sobre a morte. Este tema é frequentemente visto com preconceito por aqueles que temem o próprio fim, especialmente adultos e idosos. Muitos se questionam sobre a inevitabilidade da morte após a construção de uma carreira de sucesso e a aquisição de vasto conhecimento (Filho, 2024), ou diante de vivências transformadoras nas esferas moral, econômica, social e individual (Nunes; Weller, 2014). Em uma sociedade onde o uso excessivo das tecnologias de comunicação e informação também contribui para um foco na produção, e não no fim (Han, 2017), as pessoas tendem a evitar pensar na própria finitude, preferindo concentrar-se no que ainda podem produzir.

Essa postura leva a uma vida sem a devida reflexão sobre o processo de finitude, visto que o contexto contemporâneo não favorece essa introspecção. Vive-se como se não houvesse amanhã e como se a morte não fosse chegar, desconsiderando que ela pode ocorrer de forma súbita e inesperada. Embora a vida humana seja regida por um ciclo biológico com fases bem definidas, as reflexões sobre a finitude geralmente emergem apenas na fase idosa ou diante

de uma doença grave, negligenciando a certeza de que a morte é a maior inevitabilidade da existência humana.

A partir de seus contextos sociais, históricos e econômicos, a sociedade contemporânea constrói seu posicionamento frente à morte, definindo uma identidade individual e coletiva. Tal identidade é configurada por elementos culturais e tradicionais, crenças e práticas (Ariès, 1981), tornando a finitude um aspecto inerente da vida, a ponto de as religiões terem moldado diversos ritos em torno dela. Na Idade Média, com a escassez de recursos e a alta mortalidade diária, a morte era percebida como um acontecimento natural. As pessoas lidavam com a finitude e seus ritos (Ariès, 1981) de maneira mais aceitável, pois a proximidade constante com a morte gerava uma familiaridade. Paradoxalmente, mesmo nesse contexto de naturalidade, existia o mito e o medo de o morto retornar, levando ao enterro fora dos limites da cidade para prevenir esse retorno.

Ao longo dos séculos, o foco da apreensão social foi se deslocando: da ênfase no próprio morto para o sofrimento daqueles que ficavam e, mais recentemente, para o ambiente onde a morte ocorre. Ariès (2017) salienta que, na sociedade contemporânea, houve uma marcante rejeição ao processo de finitude, com grande resistência e dificuldade de aceitação.

A morte, antes familiar e próxima, tornou-se algo vergonhoso e objeto de interdição. Nas sociedades industrializadas, ela é ocultada, deslocada para o ambiente hospitalar e cercada de um silêncio que visa proteger os vivos da visão do fim. O luto, antes uma cerimônia coletiva e pública, passa a ser uma experiência privada, quase clandestina, refletindo a negação sistemática da finitude no mundo moderno (Ariès, 2017).

Na contemporaneidade, ocorreu um significativo deslocamento da preocupação para os entes que cuidam, visando preservar o indivíduo para que tenha "um final tranquilo". Houve também uma mudança no local de morte, que migrou da casa para o hospital, por este ser julgado mais apropriado e por oferecer maior suporte estrutural. Consequentemente, a responsabilidade pela morte passou a ser atribuída à instituição. Nesse cenário, a família contemporânea se vê diante de desafios complexos. A maior longevidade e o aumento de doenças crônico-degenerativas têm prolongado os períodos de


Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052191, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2191 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

tratamento, os quais são, por vezes, dispendiosos em termos físicos, emocionais e financeiros (Espíndola *et al*., 2018).

O sujeito atual vive como se a finitude só atingisse o outro, uma ilusão alimentada por técnicas de rejuvenescimento que buscam uma felicidade atrelada ao consumo. No entanto, essa negação provoca um "afastamento ilusório" do indivíduo de sua própria realidade (Dantas, 2010). Diante disso, os Cuidados Paliativos surgem como uma abordagem essencial. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), esta modalidade busca prevenir e aliviar o sofrimento por meio da identificação precoce e tratamento da dor e de outros problemas de natureza física, psicossocial e espiritual.

Sobre a natureza desse zelo indispensável que compõe a filosofia paliativista, Hirata e Guimarães (2012) pontuam que o ato de cuidar deve ir além da intervenção biológica. O cuidado não se reduz a uma simples tarefa técnica ou atividade material; ele é, sobretudo, uma relação interpessoal e social que envolve afetividade e responsabilidade moral (Hirata, 2022). No contexto da finitude, cuidar implica reconhecer a vulnerabilidade do outro e garantir a preservação de sua humanidade até o fim da vida. Hirata (2022) considera que:

> O cuidado não é apenas uma atitude atenciosa, ela abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em trazer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Pode também ser definido como uma relação de serviço, de apoio e de assistência, remunerada ou não, que implica num senso de responsabilidade pela vida e pelo bem estar do outro (HIRATA, 2022, p. 30,).

Nesse sentido, a equipe multiprofissional trabalha para integrar os aspectos psicológicos ao tratamento médico, oferecendo um sistema de suporte que ajuda o paciente a viver tão ativamente quanto possível até o falecimento (Silva; Coutinho, 2022). Ao focar na qualidade de vida, os Cuidados Paliativos permitem que o indivíduo mantenha sua autonomia e dignidade, enquanto a família recebe o amparo necessário para lidar com as mudanças e o luto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite concluir que a aversão à finitude na contemporaneidade não é apenas um fenômeno individual, mas uma construção sociocultural que negligencia a essência da existência humana. A busca incessante pela produtividade criou um hiato entre a vida biológica e a aceitação

emocional da morte, transferindo para as instituições hospitalares um processo que demanda acolhimento e humanização. Esse cenário impõe às famílias uma sobrecarga que ultrapassa o aspecto financeiro, atingindo as dimensões psíquica e espiritual de seus membros.

Neste contexto, os Cuidados Paliativos transcendem a definição de técnica médica para se configurarem como um imperativo ético. Eles oferecem a possibilidade de romper com o "afastamento ilusório" da morte, permitindo que o indivíduo e seu núcleo familiar ressignifiquem a despedida. O suporte multidisciplinar revela-se como a ferramenta mais eficaz para garantir que a autonomia e a dignidade do paciente sejam preservadas até o último instante.

Em última análise, integrar a consciência da finitude às práticas de saúde é o caminho para uma sociedade mais compassiva. Reconhecer a morte como parte integrante da vida é a forma mais plena de valorizar a existência, fomentando diálogos que priorizem o conforto e a dignidade diante da maior e mais inevitável certeza humana.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Tradução de Eduardo Brandão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução de Lea Magalhães. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

DANTAS, Jurema Barros. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia,** Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, 2010.

ESPÍNDOLA, Amanda Valério et al. Relações familiares no contexto dos cuidados paliativos. **Revista Bioética**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 433-441, 2018.

FILHO, Adolfo Borges. Breve estudo filosófico sobre a finitude humana. **Revista do Ministério Público**, Rio de Janeiro, n. 94, 2024.

HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. S. **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. São Paulo: Atlas, 2012.

HIRATA, Helena. **O cuidado**. São Paulo: Boitempo, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** (Trad. Enio Paulo Giachini). 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

NUNES, L.; WELLER, S. Fatores que influenciam a vivência da fase terminal e de luto: perspectiva do cuidador principal. **Revista de Enfermagem Referência, Coimbra**, v. 4, n. 3, p. 95-104, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Cuidados Paliativos.** Genebra: 2002.

SILVA, Rafael Sales da; COUTINHO, Silvia Maria Gonçalves. Percepção de luto e vivência de luto antecipatório de familiares em uma unidade de cuidados paliativos. **Health Residencies Journal** - HRJ, v. 3, np.214-229, 2022.